

Aspectos Morfossintáticos das Relações Genitivas na Língua Kayapó

Marília Ferreira Borges
Universidade Federal do Pará

1. INTRODUÇÃO

A língua Kayapó, da família lingüística Jê, pertencente ao tronco Macro-Jê, é falada pelos Mebengôkren, que vivem no sul do estado do Pará e no norte do estado de Mato Grosso, no Parque Indígena do Xingu.

O objetivo deste trabalho é apresentar evidências para a existência de prefixos relacionais em Kayapó, com base na análise feita por Rodrigues (1990) com dados de línguas Tupí, Karíb e Macro-Jê. A análise proposta por ele mostra uma comparação de ocorrências de prefixos relacionais entre os nomes e seus respectivos possuidores. Rodrigues apresenta evidências diacrônicas para a existência de um grupo de morfemas chamados de “relacionais”, os quais “marcariam a contigüidade ou a não-contigüidade de um genitivo antes de um nome, um sujeito antes de um verbo descritivo, um objeto direto antes de um verbo transitivo ou de um nome antes de uma preposição.”

Desta forma, estamos chamando a relação que envolve um nome e um possuidor de *relação genitiva*, tendo por apoio o que Matisoff (1970) define por *genitivização*: “A genitivização é um mecanismo simplificado empregado por todas as línguas para a subordinação entre nomes e outros nomes, sem especificar necessariamente a natureza precisa da relação semântica entre eles.”[tradução minha]

2. RELAÇÕES GENITIVAS EM KAYAPÓ

Está-se chamando de relação genitiva de dependência na língua Kayapó àquela construção sintática que consiste de uma subordinação de elementos, em que o segundo elemento é o núcleo possuído e o primeiro é o possuidor e em que ainda se tem o possuidor subordinado ao possuído. Uma relação genitiva de dependência envolverá necessariamente um morfema que marcará tal relação.

Optou-se em referir-se a este tipo de relação como genitiva de dependência principalmente porque esta ocorre com os nomes dependentes que semanticamente não expressam posse no sentido estrito da palavra: as relações de parentesco ou das partes do corpo com o sujeito não são de “posse”. Neste sentido, acolhemos o que afirma Queixalós (1993) sobre este tipo de relação: “a relação que tenho com minha canoa é de uma natureza bem diferente da relação que tenho com minha mão. Estas duas são diferentes da relação que tenho com meu pai.” [tradução minha]

Também Câmara Jr. (1979) faz alusão à “subordinação de um nome a outro nome, por meio da desinência de genitivo no latim.”

Os nomes independentes são todos aqueles que não se enquadram entre os nomes dependentes.

2.1. QUANDO O NÚCLEO POSSUIDOR É UM PRONOME OU UM NOME E O POSSUÍDO UM NOME DEPENDENTE.

Os nomes dependentes formam construções genitivas de posse peculiares, diferentes das relações com nomes independentes.

Quando o núcleo possuidor é um pronome ou um nome e o possuído um nome dependente teremos as seguintes possibilidades de acordo com a forma do nome dependente:

Ex.: i 0-pa ‘meu braço’
1s REL-braço

0 y-aikwa ‘minha boca’
1s REL-boca

i ñ-õto ‘minha língua’
1s REL- língua

i n-ikra ‘minha mão’
1s REL-mão

i j-ua ‘meu dente’
1s REL-dente

Os prefixos relacionais são os elementos “ligadores” entre os pronomes e os nomes dependentes que podem ser observados nos exemplos acima, conforme o seu condicionamento. Assim temos a seguinte distribuição: {0-} ocorre diante das consoantes; {y-} ocorre diante das vogais, realizando-se como {y-} diante das vogais orais e {ñ-} diante das vogais nasais; {n-} ocorre diante de vogal alta anterior /i/ e {j-} diante de vogal alta posterior /u/.

2.2. QUANDO O NÚCLEO POSSUÍDO É UM NOME INDEPENDENTE

Quando o núcleo possuído é um nome independente somente um prefixo relacional indicando a relação {y-} e um morfema genérico de posse {õ}, que está categorizado como nome. Este morfema genérico de posse é citado em Wiesemann (1986).

Ex.: i y-õ kikre ‘minha casa’
1s REL- POSS casa

memi y-õ kikre 'casa do homem'
 homem REL-POSS casa

A terceira pessoa em Kayapó pragmaticamente realiza-se como zero {0}. Assim, nesta pessoa temos somente a ocorrência do nome genérico de posse, o que comprova o caráter de prefixo relacional do {y-}.

Ex.: õ kikre 'casa dele'
 POSS casa

Nas relações genitivas com nomes independentes tem-se a possibilidade de apagamento do núcleo possuído quando o contexto geral é claro. Desta forma, evita-se a repetição de um nome mencionado anteriormente, em uma outra parte do discurso.

Ex.: may meõ y õ-rop akuno 'de quem eram os cachorros perdidos?'
 de quem GEN cachorro perder

Kayere y-õ '(eram) do Kayere'

Verificou-se que o nome genérico de posse,õ, apresenta as seguintes características: (1) combina-se com uma única categoria de base (nomes ou itens lexicais em lugar de nome, como demonstrativos e adjetivos); (2) não permite reordenações estilísticas, pois sua locação é fixa; (3) como em japonês, língua de ordem sentencial S O V tal qual o Kayapó, cuja partícula marcadora de genitivo é no, o nome genérico de posse õ em Kayapó nunca é omitido em relações genitivas envolvendo nomes independentes; (4) o nome genérico de posse forma uma conexão com a palavra precedente devendo por isto serem considerados pertencentes ao mesmo sintagma.

3. CONCLUSÕES

Conforme dissemos no início deste trabalho, a proposta principal do mesmo é a de fornecer subsídios que comprovem a análise feita por Rodrigues (1990) para línguas Tupí, Karib e Macro-Jê. Assim, cremos que esta análise além de fornecer fatos para ampliar a descrição da língua Kayapó, vem também reforçar a análise proposta por Rodrigues por apresentar mais evidências sobre a ocorrência de prefixos relacionais em uma língua indígena Macro-Jê. Estes prefixos podem sugerir um provável relacionamento genético entre tais línguas.

De acordo com os dados de outras línguas, aparentadas do Kayapó, citadas por Rodrigues (1990), constata-se que há provas em Kayapó do fenômeno morfossintático abordado por ele naquelas línguas. É bem provável que já tenham ocorrido algumas modificações em decorrência do distanciamento no tempo. Entretanto, como vimos, em Kayapó, foram preservadas provas desta ocorrência, verificada não somente em línguas do tronco Macro-Jê, mas em línguas de outros troncos e de outras famílias.

Para finalizar, gostaria de ressaltar que trabalhos desta natureza oferecem a possibilidade de se reconstruir diacronicamente todo um passado perdido das línguas indígenas brasileiras, além de contribuir em direção a uma possibilidade de entendimento acerca de como tais línguas se ramificaram.

BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA Jr. J. Mattoso. 1979. *Princípios de Linguística Geral*. Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Editora Ltda.
- MATISOFF, James A. 1973. *The Grammar of Lahu*. Berkeley: University of California Press.
- QUEIXALÓS, Francisco. 1993. *Grammaire Sikuaní*. Manuscrit. ORSTOM/CNRS.
- RODRIGUES, Aryon D. 1990. Comments on Greenberg's Language in the Americas from a South American Angle. Manuscrito. Universidade de Brasília.
- WIESEMANN, U. (ed.) 1986. *The Pronominal Systems of Some Jê and Macro-Jê Languages*. IN: Ursula Wieseemann (eds). *Pronominal Systems*. Tübingen: Gunter Naar Verlag.